Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONARÉHICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thiago

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

Propaganda protestante

No jornal portuense a *Liberdade* lê-se:

O nosso feitio sentimentalista e apaixonado leva-nos, a mór parte das vezes, a arredar da vista as questões que mais deveriam ferir a nossa intelligencia, para nos deixarmos impressionar apenas pela exterioridade das formulas, que desorientam e deslumbram, arrastando-nos para as luctas estereis d'uma politica barata e mesquinha, d'onde nada de proveitoso se tira quasi sempre.

Ora digam-nos se já alguém pensou a serio nas consequências para nós desastrosas que podem surgir da insistente propaganda que os protestantes estão fazendo pelo nosso paiz, desnacionalizando-nos as aspirações, quebrando-nos os laços tradicionaes que nos ligam ao passado, semeando a desordem e a anarchia da sua doutrina de morte?

—Quem já pensou nisso? Todavia toda a gente se insurgiu e insurge numa piéguice commovedora e até sympathica, contra o restabelecimento da pena de morte nos codigos militares, como se tal restabelecimento pudesse causar receios aos que não sejam covardes ou anti-militaristas por principio...

Poderão, é certo, dizer-nos que a propaganda protestante do nosso paiz não tem importancia alguma.

Comquanto não seja bem assim, seguros estamos que não fará prosélitos; mas que ella constitue um optimo elemento de dissolução social e religiosa é que ninguém, que tenha olhos, poderá também negar.

De sorte que, para a *Liberdade*, os perigos que a Humanidade em geral, e em particular a Nação portugueza corre pelo uso, que muito bem pôde desandar em abuso, da applicação da pena de morte, são insignificantes em comparação com os perigos que pôde correr com a propaganda do protestantismo!

Estamos edificadlos!

Não sabemos aqui que mais admirar: se os termos da comparação que a *Liberdade* estabelece, se as afirmações que se fazem, no seu apavorado receio de vêr propagar uma religião detestada, cujos perigos aliás não reputa grandes, visto estarem seguros de que não fará proselytos.

Sendo assim, a que vem o receio? para servir de pretexto a chamar piéguice, ainda que adoce o termo com os qualificativos commovedora e sympathica, ao protesto contra a pena de morte, na sua opinião da *Liberdade* só deve causar receios aos covardes e aos anti-militaristas?

Ainda que assim fosse, quem disse á *Liberdade* que é cobar-

de o individuo que não está disposto a morrer em defeza de uma causa com que não sympathisa?

Porventura o articulista da «Liberdade» julgar-se-hia em sua consciencia um cobarde se empenhasse toda a sua energia physica e moral em se esquivar a morrer em defeza da religião protestante?

Eu sei que S. Ex.^a ao lêr isto apertará as mãos na cabeça, espantado d'esta monstruosidade, de uma pessoa de tão firmes crenças catholicas, poder por qualquer fórma ser obrigado a morrer em defeza de ideia absolutamente opposita ás ideias que professa.

Comtudo, se quizer dar-se ao incommodo de lêr a historia da inquisição, encontrará factos que bastem a tornar a hypothese plausivel, ainda que, como nas provas photographicas negativas, veja branco o que é preto e vice-versa.

Mas, accite a hypothese como uma coisa possivel, o que não podemos acceitar como possivel é a sua consequencia—isto é, que S. Ex.^a se julgasse cobarde por se esquivar com todas as suas forças á consumação de um tal sacrificio, e que a essa obstinação chamasse piéguice.

Não. S. Ex.^a julgar-se-hia não só no direito, como no dever de se defender, de clamar, de protestar por todas as formas ao seu alcance, ainda mesmo que para isso tivesse de fazer allegações como as que debita á religião protestante quando affirma que ella semeia a desordem e a anarchia da sua doutrina de morte. Não é portanto razoavel que em egualdade de circunstancias, chame cobarde a quem não tem vocação para martyr... de causa alheia.

Não, presado collega, não. Nós sabemos que a «Liberdade» é um jornal unicamente catholico, não tendo outra coisa em vista senão o triumpho da sua religião, para o que emprega todos os seus meios offensivos e defensivos, por signal que nem sempre criteriosamente escolhidos e por isso até agora inefficazes.

Mas a hora presente não é dos theologos é dos politicos e, se a theologia diz que só uma religião, a nossa, é boa, a politica diz que as outras também não são más, quando têm em vista a morigeração dos costumes e, em antes de se olhar á maneira de adorar a

Deus, deve-se olhar á possibilidade de o adorar; e para isso, não nos parece que a maneira mais pratica de o conseguirmos, nem mesmo a mais liberal, será a de estorvamos os outros de adorarem o mesmo Deus a seu modo, só por que isso nos não agrada.

«A Liberdade» consola-se um pouco dos seus receios com a convicção de que a semente do protestantismo encontra entre os portuguezes terreno ingrato á sua cultura. Póde generalisar, e estender essa convicção a toda a latindade, que não erra.

Sim, os povos latinos não são dados a abstracções nem a raciocinios fatigantes. Para o latino a crença é muito melhor do que a convicção, e mais economica:—não dispense phosphoro, coisa cara entre nós.

Portanto, o latino a quem no berço fizeram catholico sem perderem tempo a explicar-lhe as vantagens do catholicismo, catholico fica toda a vida, e só deixa de o ser, quando um cataclismo social permite que alguém lhe diga que é tolice ser catholico. E então, com o mesmo conhecimento de causa, passa a achar mau o que até ahí achou bom, e de crente fervoroso passa a livre pensador.

Pensa a *Liberdade* que pela acção persistente dos apóstolos da ideia catholica poderá a massa dos desorientados voltar ao gremio da igreja? Voltará ou não voltará, voltarão todos ou voltarão só alguns.

D'estes ultimos, ovelhas que ficam fóra do redil, tem a igreja grande pena.

Nós comprehendemos essa pena como catholicos; mas como politicos quando ellas em lugar de cahir nas fauces do lobo, vão antes cahir nas mãos d'outro pastor, fica-nos a magoa singularmente attenuada.

Nós também somos catholicos como decerto o articulista da *Liberdade*, isto é, desde que nos fizeram catholicos, desde o berço; desejariamos em religião como em tudo, que todos fossem da mesma opinião, o que tinha, além de todas as outras vantagens, a de supprimir as discussões; mas o catholicismo não nos obceca de tal fórma que não preferamos com o nosso conservantismo politico que a horda selvagem que de vez em quando apedreja a redacção da *Liberdade* e os centros catholicos, e assassina padres só por que são padres, em lugar de dar estas manifestações da sua liberdade de pensamento, não

encadeiasse antes esse pensamento no apertado formalismo da *Reforma*.

E crêmos que a *Liberdade*, ao pensar nos incommodos, sobresaltos e prejuizos que tem tido, acabará por ser da nossa opinião.

E já agora, acabaremos por repetir as palavras por que este artigo principia e que são tão auctorizadas que até são da propria *Liberdade*:

O nosso feitio sentimentalista e apaixonado leva-nos, a maior parte das vezes, a arredar da vista, as questões que mais deveriam ferir a nossa intelligencia para nos deixarmos apenas impressionar pela exterioridade das formulas que desorientam e deslumbram arrastando-nos para as luctas estereis, d'onde nada de proveitoso se tira.

O que, com a pequenina alteração que fizemos, é absolutamente o que pensamos.

Creia a *Liberdade* que para a paz do mundo, é melhor ter uma religião peor do que a nossa, do que não ter nenhuma.

E é para a paz do mundo que os politicos devem trabalhar neste momento.

A EMBRULHADA GREGA

Ao nosso illustre auctorizado collega *Diario Nacional* pedimos venia para trasladarmos ás nossas columnas o primoroso artigo que segue, devido á penna do brilhante official e estadista Snr. Ayres de Ornellas, seu director e representante do Senhor D. Manuel 2.º:

«Senhor!, escrevia Venizelos ao rei Constantino em 11 de janeiro de 1915, já tive a honra de submeter a Vossa Magestade o conteúdo de uma comunicação que o ministro d'Inglaterra nos fez por ordem de Sir Edward Grey. Por ella se vê a Grecia de novo em frente de um dos problemas mais criticos da sua historia nacional. Até agora a nossa politica consistia na conservação da neutralidade, pelo menos emquanto o compromisso para com a nossa alliada Servia nos não force a sahir d'ella.

Mas hoje somos chamados a tomar parte na guerra, não já sómente no cumprimento d'um dever moral, mas em troca de compensações que, a realisarem-se, constituirão uma Grecia tão forte e tão poderosa qual jámais a poderam sonhar os mais optimistas dos patriotas!

Para alcançar esse grande fim, teremos graves riscos a correr.

Mas estudando longa e profundamente a questão, chegamos á conclusão de que os devemos correr. E sobretudo porque não entrando nós agora na guerra, e es-

forçando-nos até ao fim d'ella por manter a neutralidade, não serão menores os riscos a que continuaremos expostos.

Se consentimos que a Servia seja esmagada pela invasão austro-allema, parará esta na fronteira da Macedonia e não desejará chegar a Salonica? E suppondo esse risco afastado e a Austria satisfeita com o esmagamento da Servia, poderemos duvidar que a Bulgaria não invade a Macedonia serba?

Qual seria então a nossa situação? Iriamos em soccorro da Servia para nos não deshonrarmos, faltando aos deveres d'alliados. E se, indifferentes ao nosso rebaixamento moral, ficamos impassiveis, consentimos assim que se rompa o equilibrio balcanico a favor da Bulgaria, que nos atacará logo, ou mais tarde, encontrando-nos privados de qualquer alliado ou amigo.

E se recusamos as propostas da Entente, não teremos, no caso da sua victoria, compensação alguma.»

Se a qualidade característica do homem d'estado é prever, não ha duvida que Venizelos retratou fielmente o que se tem vindo desenrolando aos nossos olhos desde então para cá. Para a entrada da Grecia na lucta elle entendia precisa a cooperação romaica e se possivel fosse a da Bulgaria, para conseguir a qual elle não duvidava sacrificar Cavalla.

Foi este precisamente o obice que encontrou o Estado Maior grego. E a elle se agarrou com verdadeira teimosia allema.

Para que ir metter o paiz em aventuras, á busca de hypotheticas compensações na Asia Menor, quando se começava por ceder ao inimigo hereditario a perola das conquistas da grande guerra-balcânica? E como por outro lado o Estado Maior não achava sufficiente garantia na cooperação da Romania, insistia pela manutenção da neutralidade «visto a intenção manifesta da Bulgaria de violar a neutralidade official, logo que n'isso encontre o seu interesse.»

E portanto... não se lhe devia dar o que era indispensavel para satisfazer esse interesse.

Em vão Venizelos appellava ainda para o Rei; escrevia a 17 de janeiro:

«E' difficil, e até muito improvavel que se torne a apresentar uma occasião como a que hoje se offerece ao Hellenismo, tornando completa a restauração nacional.

Se não participarmos da guerra o hellenismo da Asia está perdido para nós, qualquer que seja o grupo victorioso. Se é a Entente a vencedora, divide entre si e a Italia os despojos da Turquia. Se é a Alemanha, então o triumpho do germanismo garante-lhe a absorção completa da Asia Menor.

E' perfeito de visão, e é tal qual. Mas Cavour teve a felicidade suprema de encontrar Victor Manuel, Bismarck teve a apoio-lo o Rei da Prussia, e já Richeleu tivera Luiz XIII, como o marquez de Pombal, El-Rei D. José. Eram *dynastias nacionaes*.

O Rei Constantino demittia Venizelos do poder a 6 de março; as eleições de junho davam-lhe 193 deputados em 316; constituia de novo gabinete só em agosto, a

pretexto da doença do Rei. E quando a 4 de outubro este chamava Zaimis a formar ministerio, a *Gazeta de Francfort* observava:

«Entre os membros do novo gabinete, contam-se Dragoumis, antigo presidente do conselho; Theotoky, antigo ministro da Grecia em Berlim; o dr. Rhallis, sobrinho do antigo ministro da justiça. Todos elles fazem parte da *Associação germano-grega*, fundada em principios de 1914 para estreitar as relações entre a Grecia e a Allemanha. A criação d'esta sociedade é devida á acção da Rainha da Grecia...»

Que curioso não é ver a Rainha da Grecia, irmã do kaiser, promover em principios de 1914, o anno da guerra, a fundação d'uma Associação destinada a estreitar as relações germano-gregas! Como a cada passo, no decorrer d'este formidavel conflicto, estamos agarrando, palpaveis, as demonstrações da formidavel preparação allemã!

O Rei Constantino fôra educado na *Kriegs Academie* de Berlim, e feito *feld marechal* allemão depois da guerra balkanica. Está na memoria de todos o discurso sensacional por elle proferido na occasião em que o Kaiser lhe entregava pessoalmente o bastão de marechal.

As victorias gregas eram devidas unicamente as lições allemãs. Da missão franceza do general Eydoux que organisára o exercito grego depois das derrotas de 1907, nem palavra. E se o Rei era allemão, o seu Estado Maior não o era menos. Da queda de Venizellos para cá elle tem governado em absoluto a Grecia especulando com a opinião publica, mostrando-lhe o estado a que estavam reduzidas a Belgica e a Servia, sacrificadas a *Entente* e por ella nem sequer defendidas. É a dirigir e a orientar a acção allemã, um dos mais despidos de escrupulos dos seus agentes o ministro da Allemanha em Athenas, o Barão Schenck.

Pouco tempo antes da guerra estava elle em Bucarest como representante da casa Krupp. Como tal achava-se em Athenas ao rebentar a guerra. Era desde logo encarregado de *fomentar* a propaganda allemã: o seu primeiro triumpho foi a queda de Venizellos exactamente quando muita gente suppunha que a Grecia se ia collocar ao lado da *Entente*. A recompensa foi a sua nomeação como ministro da Allemanha. É esse personagem que a demonstração naval d'esta semana obrigou a sahir da Grecia.

Pouco a pouco os alliados tem sido levados a usar da força.

Foi por sua ordem que o ministro Skouludis foi substituido pelo de Zaimis, e agora a revolta dos macedonios contra a inacção do Governo consentindo aos bulgaros a occupação das defezas do territorio nacional, ameaçando a base d'operação de Salonica, obriga-a a tomar medidas decisivas.

A Grecia paga assim o crime de não ter ouvido o seu grande homem d'Estado. Este não encontrou no Rei o apoio que lhe daria certamente uma Monarchia nacionalisada. E a prova está bem perto, a Romania, onde um Hohenzollern antepõe como Rei nacional o interesse do paiz a qualquer outra especie de consideração.

Estará imminente uma mudança radical da politica hellenica? Não nos sirva o exemplo da Romania onde a acção do Rei foi, como vimos, totalmente diferente, e onde a evolução se podia seguir de ha muito. Não ha nada d'isto na Grecia, nem o ha desde que Venizellos sahio do poder. Agora o Governo grego cede á força que os Alliados tiveram que empregar para garantir a liberdade d'acção do Exercito de Sarrail. Exigiram a expulsão dos agentes allemães; reclamaram o controle dos correios e telegraphos. Por ora não ha mais nada.

AYRES D'ORNELLAS.

A revisão constitucional

Eu nunca estudei a sciencia do direito e não estou já em idade de estudar. Todavia vejo por ahí muitos jurisperitos expendem opiniões e fazem coisas que se não coadunam com a minha razão. Sirva de exemplo a revisão constitucional.

Parece ser doutrina aceita entre os actuaes parlamentares, que elles tem poderes para fazer a revisão. Ora isto é o que eu não comprehendo. Quem foi que deu poderes constituintes aos deputados e senadores para o effeito da revisão?

Que eu saiba, ninguém. E sem esses poderes não é uma exorbitancia que elles tentem a reforma constitucional?

Pelo que tenho lido e observado, todas as constituições politicas são feitas por assembleias constituintes, eleitas e convocadas expressamente para esse fim. Parece um corollario muito logico, que a revisão constitucional seja feita por uma assembleia da mesma natureza. Ora o actual congresso tem poderes constituintes? Não; não ha documento nenhum por onde se prove que elle tenha uns taes poderes.

Da-lh'os a constituição vigente, diga alguém. Não lh'os dá tal, nem lh'os podia dar; antes pelo contrario, bem interpretada, a meu ver, supõe-nos indispensaveis.

O seu art.º 82 diz: «A constituição... será revista de dez em dez annos... e para esse effeito terá poderes constituintes o congresso cujo mandato abranger a epoca da revisão».

É taxativo que a revisão decenal seja feita pelo congresso revestido de poderes constituintes. Por isso a revisão que alguns parlamentares desejam não é legal, porque o congresso não tem poderes constituintes. Que a reforma constitucional não pode ser effectuada sem que o congresso tenha poderes constituintes, é evidente.

A constituição foi feita aqui, como o tem sido em todas as nações, por uma assembleia constituinte. É preceito expresso nella, que a revisão decenal só pode ser feita por uma assembleia que tenha iguaes poderes. Logo é dispatate que a revisão quinquenal seja feita por um congresso ordinario, carecido d'um mandato especial.

A constituição diz claramente que cada legislatura durará três annos; e, como o congresso é indissolúvel, sabe-se muito bem quaes as eleições que hão de dar-lhe poderes constituintes. Haja ou não editaes que, convocando o eleitorado, lhe recordem a circumstancia de que, decorrido o decenio, ha de haver revisão constitucional, elle, embora lho não recordem, não pode alegar ignorancia.

Com relação, porém, á revisão quinquenal o caso muda de figura. Como essa revisão é uma mera possibilidade que não terá effeito sem a unanimidade de dois terços dos membros do congresso, quem pode adivinhar que ella será feita?

E não pensando na revisão, o eleitor confere um mandato cujo alcance desconhece; porque uma coisa é a eleição d'um congresso ordinario e outra coisa é uma eleição d'um congresso constituinte.

Um congresso constituinte, como vae fazer ou remodelar a lei fundamental, deve merecer mais cuidados ao eleitor.

O que d'aquí se conclue é que a constituição vigente é contradictoria ou omissa a respeito da revisão quinquenal.

Dicant paduani, se as minhas raciocinações são ou não convincentes.

P. A.

N. da R.—Este artigo destinava-se á primeira pagina. Mas, como deu entrada na typographia já depois de ella ir para a censura, eis o motivo por que vae neste logar.

Domingos Leite de Castro

Só muito tarde chegou ao nosso conhecimento a triste noticia do falecimento d'este honrado cidadão e nosso illustre amigo, succedido na passada semana na vizinha villa de Felgueiras.

O Snr. Domingos Leite de Castro occupava sem contestação um logar primacial na galeria dos vimezanenses illustres.

Dotado de uma invulgar cultura só a sua muita modestia o poderia fazer passar despercebido entre aquelles que o não conheciam.

Elegante cultor das letras, algumas vezes honrou as columnas dos jornaes vimezanenses, e entre elles esta nossa modesta folha, com os primores da sua penna subtil e erudita, em artigos em que não sabemos que mais admirar se o brilho da expressão, se a profundidade do conceito.

Agricultor apaixonado, das suas conversas sobre os methodos de lavoura, algum ensinamento sempre se colhia.

Amigo e admirador entusiasta do grande ornamento d'esta terra o illustre sabio Francisco Martins Sarmiento, com elle se embrenhou pelos meandros mysteriosos do passado, no desejo louvavel e bizarro de reconstituir os usos e costumes das gentes que em remotas epochas occuparam este delicioso rincão, em que agora preguiça e sonha esta velha nação portugueza.

Domingos Leite de Castro se pela sua illustração e affabilidade do seu trato se impunha a quantos o conheciam, pelos primores do seu coração e pela inteireza do seu caracter impunha-se ainda mais.

Vivendo pela familia e para a familia encontrava no pequeno circulo dos seus filhos e netos e dos amigos escolhidos, por signal que preciosos e de raro quilate, o meio adequado á expansão das suas reconditas ternuras que se manifestavam sempre que tinha de acariciar uma creança, ou de engulir uma lagrima rebelde que a recordação da Esposa, terna afeição de toda a sua vida ou da filhinha gentil que o cruel destino não deixou passar de uma radiosa esperança, teimava em fazer subir do coração aos olhos.

Domingos Leite de Castro occupou em Guimarães, com a competencia que d'elle se poderia esperar, varios cargos electivos, entre elles o de presidente da Sociedade Martins Sarmiento e da Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães.

Era pae do nosso amigo Snr. Antonio Leite de Castro e cunhado do tambem nosso amigo Snr. Visconde de Sendello, a quem os «Echos de Guimarães» apresentam a expressão do seu profundo pesar, pelo seu legitimo desgosto e ainda por não terem tido conhecimento do triste acontecimento a tempo de prestarem ao illustre extinto as ultimas homenagens do seu grande respeito, e aos vivos a homenagem da sua alta consideração e estima.

VIVA A PATRIA

Que a sagrada communhão de Nunalvares proteja e illumine a JUVENTUDE PORTUGUEZA.

Neste momento de excepcional gravidade para o nosso querido Portugal, em vesperras, talvez, de darmos uma effectiva collaboração guerreira aos nossos alliados de velha data, não podiam os estudantes do lyceu de Santarem deixar despercebida a data historica de 14 de agosto, uma das que mais ennobrecem a tradição

gloriosa d'um povo, cioso da sua independencia, conscio da sua missão e desejoso de a continuar atravez de todos os perigos e difficuldades.

Foi em 14 de agosto que Nunalvares se cobriu de louros na batalha de Aljubarrota, garantindo a independencia da Patria contra o inimigo invasor do seu territorio.

Nunalvares e Aljubarrota são dois nomes cuja evocação faz vibrar intensamente as cordas da nossa alma, faz estremecer de jubilo os nossos corações de patriotas e de crentes.

Aljubarrota é uma epopeia de gloria e de triumphos.

O Santo Condestavel é a mais pura consubstanciação da alma portugueza.

Venerando-o como santo, diz Oliveira Martins, *divisando-o como heroe*, Portugal mostrou que tinha em si a chama d'onde nasceram em cinco gerações successivas, os homens que nos tornaram o nome immortal na historia dos tempos modernos da Europa.

A apothose de Nunalvares é o nosso attestado de baptis-mo!

Nesta hora amarga e difficil, torna-se preciso evocar a lembrança d'estes portuguezes heroicos de outras eras, para que nós nos animemos a seguir-lhes os exemplos e a imitar-lhes as virtudes.

Por isso entendemos dever commemorar a data de 14 de agosto, anniversario da batalha de Aljubarrota com uma missa rezada, a que assistiram muitos estudantes que ainda se encontravam nesta cidade, e outros que propositadamente a ella nos deram o prazer de virem assistir.

Era a maneira mais singela e ao mesmo tempo mais adequada, de honrar esse glorioso espirito que se preparava para a batalha de Aljubarrota confessando-se e commungando devotamente, exactamente como o fez o grande J. fre, na vespera da batalha do Marne, como o fez o ministro da guerra da Belgica, ao decidir a resistencia ao formidavel ataque da Allemanha, como o tem feito tantas vezes Castelnau e Petain, os heroes d'essa famosa defesa de Verdun, que tem assombrado o mundo inteiro.

Na guerra de hoje o factor moral é importantissimo, mais importante sem duvida do que qualquer outro.

E hoje como hontem, como sempre, a fé religiosa é a fonte de todas as dedicções, de todos os heroismos.

Todos os generaes de algum nome na guerra actual, são religiosos e a maior parte d'elles catholicos praticantes, que vão á missa, que se confessam e que commungam.

Apenas um, Sarrail, é atheu; e esse mesmo dizia não ha muito a um jornalista—*que a fé religiosa é uma alavanca tão potente que um chefe, muito embora a não partilhe, não deve commetter a insensatez de a reprimir.*

Por isso Nunalvares é para nós, rapazes, o symbolo completo do nosso ideal, synthetizando e reunindo em si os dois amores sacrosantos, capazes de fazer pulsar com força o coração da juventude: o amor da Patria e o amor de Deus.

Companheiros!

Talvez que dentro em pouco a Patria reclame o nosso esforço. Preparemo-nos corajosamente para na medida das nossas forças, auxiliarmos a Patria Portugueza a honrar os seus compromissos, a defender a sua independencia e as suas gloriosas tradições.

Formemos a nova—ala dos namorados!

Tomemos Nunalvares por guia, como mestre, como padroeiro!

Que á sua coragem contra os inimigos alliemos a piedade que lhe alentava o animo; e, sem ti-

bieza, sem desfallecimentos, sem discussões, estereis e inopportunas, vamos onde quer que a Patria nos chame, levando um coração puro dentro dos nossos peitos e Deus dentro dos nossos corações.

Este manifesto é assignado por 62 alumnos das três ultimas classes.

Como no nosso numero anterior promettemos, damos hoje publicidade aos commentarios que o «Seculo» fez ao artigo editorial do 1.º n.º do «Diario Nacional». Como commentario ao commentario apenas diremos que o «Seculo», por grosseiros sofismas, quer que nós, como elle, confundamos a liberdade com a desordem. E nada mais senão que todo o paiz é da opinião do snr. Conselheiro Ayres d'Ornellas a despeito de quantos sofismas o «Seculo» possa produzir.

Servidão e liberdade

O snr. Ayres d'Ornellas, em editorial do primeiro numero do novo diario monarchico e que parece representar a facção mais da confiança do ex-rei D. Manuel, faz curiosas affirmações que merecem ser registadas. Tão curiosas que, por ellas, se chega a apurar que os da sua feição são aliadofilos, pela mesmissima razão por que deviam ser germanofilos. Proclamam os alliados em côro—e não só a Republica Franceza—mas a Inglaterra, a Belgica, a Italia, monarchica, e, na propria Russia, uma grande parte dos seus homens eminentes—que esta guerra é de defeza da civilização e da liberdade. E os monarchicos da marca do snr. Ayres d'Ornellas, que é como quem diz os monarchicos mais da confiança do rei deposto, são aliadofilos e teem, ao mesmo tempo, o culto da servidão contra a liberdade.

Na Allemanha não se entenderia de maneira diversa a politica de direcção das populações, onde o ideal da nação é o do servilismo levado ao seu exagero. Estes monarchicos, do tipo do snr. Ayres d'Ornellas, são aliadofilos que pensam em allemão e sentem e comprehendem o progresso dos povos como os allemães, pela sujeição, pela disciplina sem discussões, pela abdicção da propria personalidade.

Como se pode chegar a um tão lamentavel equivoco? Como se pode crear esta situação bizarra de se dizerem defensoras dos paizes alliados pessoas que, pelo seu temperamento, pela sua educação, são puros germanofilos, mesmo sem o sentirem?

Como se chegou nos ultimos annos da monarchia, á politica do engrandecimento do poder real? Pois não foi precisamente a influencia, em algum tempo dominante em certos politicos portuguezes, do proprio germanismo? Como se pode, pois, invocando os mesmos principios, as mesmas ideias de origem bem germanofila, fazer-se uma profissão de fé pró-alliados?

É preciso desfazer o equivoco que se pretende crear. Não é aliadofilo quem quer, nem quem se pretende passar por tal.

Quem se colloca hoje ao lado dos alliados dedica-se á sua causa, toda de justiça, e, sobretudo, de liberdade. Pode consagrar-se a ella com toda a dedicção, que pode ir até á maior abnegação, ao sacrificio da propria vida, mas essa dedicção é consciente, não por espirito de servidão, á maneira dos jesuitas, mas como cidadãos, defendendo a sua propria dignidade de homens, um dos elementos da qual é o respeito pela liberdade individual.

A servidão é passado em que o snr. Ayres d'Ornellas e os seus correligionarios põem os seus olhos saudosos; mas é contra

esse passado encarnado pela Alemanha que a França e a Inglaterra reagem, em nome da liberdade do mundo. A organização da propria guerra contra a Alemanha e a da Alemanha contra o mundo marcam bem esta differença capital. Enquanto a Alemanha, que já por si só é um aglomerado de pequenos povos, sujeitos pelo poder do militarismo prussiano, domina a Austria, que, por sua vez, domina a Hungria, e as duas arrastam violentamente a Turquia, impondo a guerra, que o povo começa a repudiar, a Inglaterra, a França, a Belgica, a propria Russia conseguiram tornar a guerra, por sua parte, popular, por parte do povo a maior affirmação da sua liberdade. E' a Inglaterra, levantando cinco milhões de voluntarios e encontrando por parte dos seus operarios a mais franca e decidida cooperação para o fabrico das munições, a ponto de se dever ao operariado a maior razão de ser do triumpho para que se caminha; é a França, levando ás trincheiras, espontaneamente, os seus anti-militaristas, os seus anarchistas, todos os socialistas revolucionarios: é o terrorismo russo desarmado para não comprometter a guerra contra a Alemanha, centro mais perigoso de autoritarismo do que o imperio dos czares. E' o principio de auctoridade que domina nas relações entre os imperios centraes e nestes entre os governos e o povo; é o principio da solidariedade, que supõe a liberdade dos que se solidarizam, o que domina as relações entre os paizes aliados, e, o que é mais, o proprio exercito anti-alemão faz consistir toda a sua força no valor individual, na iniciativa de cada um dos seus membros. D'um lado está Hindenburgo, do outro está Joffre. Quer dizer: d'um lado esta a servidão, do outro está a liberdade.

Dizem-se aliadofil os osmonarchicos do *Diario Nacional*. Mas a monarchia que nos pregam e que queriam fazer em nada se parece com o que seria licito esperar-se de verdadeiros aliadofilos. Onde a vão copiar? A Inglaterra? A Italia e a Belgica, já transigentes com as aspirações populares? A Russia, onde se elaboram as grandes transformações politicas que a hão de equiparar ás suas aliadas? Não. Copiam-na da Alemanha e querem que ella seja para o povo o regimen de servidão.

Assim se depreheende do que nos dizem em ar dogmatico. Porque se não dizem, pois, abertamente germanofilos, se é isso o que lhes está na massa do sangue, se só contrafazendo-se a elles proprios podem dizer-se o contrario?

E' preciso desfazer-se o equivoco. Equivoco d'elles, é claro, porque o paiz ha muito que sabe o que, na realidade, são esses monarchicos que se dizem servidores dos reis contra a liberdade dos povos.

De O Dia

"Requisição, dos trigos

Eis a carta do nosso distincto amigo snr. dr. J. Pequito Rebello que annunciamos no nosso numero de ante-hontem:

Snr. director d'O DIA.

Peço á amabilidade de v. a fineza de inserir em *O Dia* a narração dos factos, que, embora interessem em especial o signatario d'esta, interessam tambem o publico em geral.

A minha casa de Gavião foi, pela auctoridade local, feita a requisição de 60:000 kilos de trigo, em cumprimento de ordens do governador civil, que, por sua vez, recebera da Manutenção Militar o pedido de uma certa quantidade a ratear pelos concelhos.

A esta requisição foi respondido que o trigo estava todo vendido nos termos da lei que auctorisara o seu commercio, livre; que, nos termos da lei, embora parte continuasse ainda nos meus armazens, era legitima propriedade do comprador em cujo poder estavam até as chaves dos armazens. Ao mesmo tempo protestava-se contra a injustiça e a illegalidade de uma requisição feita sem equidade, não tendo sido distribuida proporcionalmente pelos varios concelhos e no concelho de Gavião entre todos os possuidores de trigo, visando apenas o dono d'aquelle que estava nos meus armazens.

A auctoridade respondeu mantendo todas as suas disposições de violencia; somente fez novo bilhete de requisição, d'esta vez dirigido á firma compradora, reconhecendo assim que esta era dona do trigo e entregou o ao meu feitor, que disse de tal firma não ser representante, não tendo pois que tomar conhecimento de tal documento.

Então a auctoridade, em vez de fazer chegar a requisição ao seu destino, e quando era de esperar que o fizesse, nos termos legais, dirigiu-se sem mais aviso, e portanto, sem previa requisição aos meus armazens que fez arrombar.

D'elles está da posse neste momento, guardando-os com força da guarda republicana, constando-me que lá mandou proceder á medição do cereal por uns quaesquer medidores, sem que a medição seja devidamente fiscalizada pela auctoridade ou por pessoas competentes, ou por qualquer representante do dono. Ouvi dizer que o official da Administração Militar toma nota do numero dos sacos, mas nem a mim nem á firma compradora foi entregue qualquer documento ou recibo, nem qualquer auto me consta ter sido levantado, pelo menos nos termos da lei.

Além d'isso todo o lavrador sabe como o processo da medição é menos rigoroso que a pesagem, mas parece que para as auctoridades essa distincção é demaziada subtil. Talvez se faça nova pesagem na balança differencial da Manutenção Militar, mas a sacaria parece que é inferior e rota, e muito trigo desaparecerá pelo caminho.

Em resposta aos meus protestos a auctoridade apenas se dignou ordenar a apprehensão de mais 100:000 kilos, e a detenção de todo o trigo do concelho.

Estes factos são demaziado eloquentes para longos commentarios

Com subida consideração

De v. etc.

Jose Rebello.

EXPEDIENTE

Estando prestes a vender-se o 1.º semestre do 3.º anno do nosso semanario, rogamos a todos os snrs. assignantes que ainda o não pagaram, a subida fineza de o fazerem com a possivel brevidade, obstando assim que accumulamos sacrificios pecuniarios com aquelles que derivam do trabalho penoso e de verdadeiro sacrificio intellectual que a preparação do jornal, na hora presente, nos ocasiona.

E' preciso que todos se convençam que hoje não se fazem jornaes com a mira em lucros. E se, em grande parte, se sustentam, é mais pela necessidade que ha da existencia de um baluarte que diga ao povo as coisas como ellas são e muitas vezes para não ficarem sem pão os modestos obreiros que da imprensa fazem a sua profissão.

E ainda, com magua o dizemos, achamos duro que haja quem, vendo os sacrificios com que se lucha, faça ir o cobrador á porta diversas vezes com o recibo, despedindo-o com um dichote qualquer para lhe adoçar a bocca, não se lembrando que isso nos custa dinheiro e que, sendo as assignaturas cobradas pouco antes de vencidas, e sendo as condições de pagamento adiantado, justo era que ninguem reparasse em satisfazer adiantadamente meia duzia de numeros, não deixando para o fim o seu pagamento.

A empreza dos *«Echos de Guimarães»* não é de rapazes, d'aquelles que fazem como o peixe que come a isca... e deixa o anzol.

Se, por qualquer caso de força maior, tivesse de suspender a sua publicação antes de tempo, os snrs. assignantes seriam embolsados das quantias que porventura tivessem pago a mais.

E' assim que costumam proceder em todos os seus actos as pessoas que a constituem.

NOTICIARIO

A peregrinação á Penha

Por lapso deixamos de referirnos no ultimo numero a esta manifestação de fé que, todos os annos, se costuma realizar á montanha santa, como soe chamar se á encantadora serra da Penha.

No momento em que o nosso jornal entrou na machina já por ahí se dizia que a peregrinação á Penha tinha sido prohibida, mas poucas horas volvidas, quando o jornal estava impresso, tivemos d'isso plena certeza.

Portanto, não se realizou no domingo, como era costume velho, a peregrinação á Penha, pelos motivos que toda a gente conhece já. Mas se não se realizou, como era costume, os crentes lá se reuniram no cimo da montanha e ahí, com a solemnidade propria e a convicção costumada, se realizou o cortejo que devia ter atravessado as ruas da cidade.

Da sua imponencia e magestade se fizeram echo os nossos collegas que se publicaram antes de nós e não será de mais dizer que excedeu em tudo a nossa expectativa.

Foi de muitos milhares a affluencia ao religioso acto, tendo tomado parte nelle muitas associações de classe d'esta cidade, que se fizeram acompanhar dos seus estandartes.

A fé não se extingue. Quanto mais a apertarem tanto mais ella se arregaça na alma do povo crente.

Domingos Leite de Castro

Na sua casa de Cramarinhos, concelho de Felgueiras, falleceu no ultimo domingo, inesperadamente, o snr. Domingos Leite de Castro, pae extremoso do snr. Antonio Leite de Castro e cunhado do snr. visconde de Sendello, sendo o seu cadaver conduzido para esta cidade no carro funerario da V. Ordem Terceira de S. Francisco e acompanhado por muitos amigos, em grande numero de trens e automoveis.

Os seus funeraes realizaram-se terça-feira, pelas 12 horas, na parochial de S. Paio, sendo este acto largamente concorrido, não só por pessoas d'esta cidade, como tambem por muitas d'outras localidades.

Junto da sepultura, no cemiterio d'Atougua, fallaram os snrs. drs. Joaquim José de Meira e Alfredo Peixoto, fazendo-o este em nome da Sociedade Martins Sarmiento, de que o illustre finado foi socio fundador.

A familia em luto, os nossos sinceros pezames.

Tambem falleceu na passada segunda-feira, na sua casa á rua de D. João 1.º, o snr. Manuel José da Silva Costa, cunhado do digno escrivão-notario d'esta cidade snr. João Joaquim d'Oliveira Bastos, e do snr. José Carreira, empregado commercial.

Os nossos sentidos pesames.

O Republicano

A este nosso collega e leal adversario politico agradecemos as amaveis referencias que no seu penultimo numero fazia ao Director d'este semanario.

A Economica Vimaranesense

No sabbado da ultima semana, pelas 9 horas da noite, reuniu no theatro D. Affonso Henriques a assembleia geral de *A Economica Vimaranesense*, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, para a approvação dos seus estatutos.

Presidiu ao acto o snr. Major Duarte Amaral, secretariado pelos snrs. Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior e João Abreu.

Constituida a meza seguiu-se a leitura do projecto de estatutos, que iam sendo postos á approvação por capitulos, sendo afinal approvados por unanimidade, com umas pequenas alterações.

No final, foram eleitos por aclamação, para servirem até 31 de dezembro de 1917, os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral

Presidente, Alvaro da Costa Guimarães.

Vice-presidente, Dr. Adelino Ribeiro Jorge.

1.º secretario, José Maria Baptista Ribeiro.

2.º secretario, Francisco Faria.

Conselho Fiscal

Presidente, João Rodrigues Loureiro.

Secretario, José Jacintho Junior.

Relator, José Francisco Gonçalves Guimarães.

Substitutos

Manuel Bento Ribeiro.

Antonio José d'Oliveira.

Direcção

Effectivos

Guilhermino Augusto Barreira.

Joaquim Penafort Lisboa.

Carlos Alberto Machado.

Substitutos

José Pinto Teixeira d'Abreu.

Aureliano Leão da Cruz Fernandes.

Manuel Caetano Martins.

Officina de S. José

Para os rapazinhos internados d'esta benemerita instituição enviaram os seus devotados benfeitores, nos dois mezes transactos, os seguintes donativos:

D. Luiza Cardoso de Menezes, 30000; Luiz Cardoso de Menezes, 30000; Irmandade de S. Pedro, 50000; Antonio Joaquim Pereira, 50000; Anonyma, 10000; João Fernandes de Mello, por intermedio do «Commercio de Guimarães», 20000; Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, 20000; José Martinho Fernandes, em suffragio da alma de Anna Julia de Magalhães, 10000; José Marques Coelho e Ex.ª Esposa, do Porto, 50000; Dr. Adelino Jorge, 20500; Irmandade do Senhor Jesus, 20000; Ordem do Carmo, 30000; Dr. Eleutherio A. Moreira da Fonseca, do Porto, 50000; Rendimento das almofadas e cadeiras nas Festas da Cidade, 36000; Antonio Cayres Pinto de Madureira, Administrador do Concelho, 5 alqueires de feijão; Anonyma, 2 taboleiros de pães e 2 cestos de peras; José Antonio Fernandes Guimarães, 2 cartoxos de doces e 1 cantaro de vinho; D. Maria Joaquina Salgado, 5 kilos de carne de porco; Anonyma, 1 cesto de peras; José Rbeiro Martins da Costa e Ex.ª Esposa, 2 cestos de batatas e 2 de cebolas; Francisco José Salgado Guimarães, do Pevidem, 2 cestos de peras e um de cebolas.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição (Campo da Feira)

Está aberta a matricula de alumnas internas, semi-internas e externas neste antigo e excellento Collegio, onde, além do ensino de Portuguez, Francez, Instrução Primaria, Piano, Lavores, Desenho, Arte applicada, etc., haverá no proximo anno lectivo um Curso especial para exames nas diferentes classes do Lyceo.

A Ex.ª Directora do Collegio, Snr.ª D. Beatriz Cruz de Novaes, fornece Regulamentos e todas as informações concernentes á matricula das alumnas.

Aos refractarios

Pelo n.º 3.º do Artigo 1.º da lei de 17 de abril de 1916, foi concedida a amnistia aos refractarios antes do estado de guerra, quando, obrigados á prestação normal do serviço do exercito militar.

Por despacho de Sua Ex.ª o Sub-Secretario d'Estado do Ministerio da Guerra de 5 do corrente, foi prorogado até 31 de dezembro proximo o prazo para a apresentação dos individuos abrangidos pelo citado n.º 3.º, ficando, porém, sujeitos ás penalidades da lei, os que não effectuarem a sua apresentação dentro d'esse prazo.

VENDE-SE

O Palacete Minotes, sito no Largo das Lamellas, onde está funcionando o Collegio do snr. Padre José Maria da Silva.

Para tratar com o snr. João Alves Pimenta, solicitador, na Praça de S. Thiago, d'esta cidade.

3.000\$000 REIS

Dão-se a juros, sobre hypotheca.

Para esclarecimentos, fallar com o proprietario da Typographia Minerva Vimaranesense, Rua de Paio Galvão, 70.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Erville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o

Em brochura. 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o

Em brochura. 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o

Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:

Avulso, franco de porte. 30 réis

Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 82 paginas, em bom papel:

Preço. 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 réis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «especimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada

Director: FRANCISCO DE ALMEIDA

Auctor do Diccionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag., . . . 12500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, appparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administracção

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135 — LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europæus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 réis

Accresce o porte do correio, 50 réis

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pa'as, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL

LARGO DE CAMÕES, 11

LISBOA

NESTA CIDADE — O consocio Antonio Luiz da Silva Dantas.

Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Sr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a fórmula da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova collecção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórmula do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o sumario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Princípio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento por, ar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: casinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrífuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut. Anomalias da gravidade.—O geoide.

V

Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Princípio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	1\$300 rs.
Anno	650 "
Semestre	350 "
Trimestre	2\$000 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$500 "
Paizes da União Postal	30 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesse B. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 22

Ex.^{mo} Snr.